



Cinema

Ano 1°

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Preço

Na Capa: — Ramon Novarro, protagonista do filme «Ber-Hur»

Redactores:
João Santos
e Sousa Martins

Redacção e Administração:
Rua do Bomjardim, 436-3.º
PORTO

CINEMA

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS
Continente e Ilhas:
Trimestre, 12\$00, Sem.
24\$00, Ano, 46\$00 —
Ultramar: Trimestre,
14\$50, Sem. 29\$00,
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:
Eugénio Peres

Comp. e imp. nas oficinas
da Empresa AQUILA
Rua Duque Saldanha, 312
PORTO

Hitú percebeu logo o que naquele divertimento havia de humano, de verdadeiro, de comvente. Não se devia deixar o povo, num gesto de generosidade, pedir um veredicto de perdão a favor daquela que já não pertencia a nenhum homem na terra. Tinha de se cumprir a vontade do grande sacerdote, mesmo que fosse à custa dum crime!

E então, como a exaltação dos músicos, do público e dos dançadores havia atingido o paroxismo, o feiticeiro ergueuse, dum pulo, e clamou com voz atroadora:

— Basta! Que Reri se prepare para a partida!

Chumbados ao solo pela violência do acento e pela dureza do gesto, os espectadores recuaram. Formou-se logo um cortejo silencioso, esmagado de medo, que desceu para a praia. Embarcaram Reri, colocando-a perto de Hitú; pela última vez, os seus pais beijaram-na. Os rapazes e raparigas, em piroga ou nadando, acompanharam-na, na direcção da branca galeota, que a marulhada balouçava ao largo.

Matahi, dum coqueiro a que tinha trepado, viu afastar-se a piroga real, lentamente. Amadurecia em seu cérebro um projecto audacioso. Que arriscava ele, no ponto, em que estava, de desgosto, de desolação, de desespero? A maldição já tinha caído sobre ele!

Na mesma noite, enquanto na povoação celebravam ainda a partida da «rainha das ilhas», a piroga de Matahi, movida com infinita precaução, abordou o *Mao-na*. Escalada do mastro da proa; intrusão discreta duma silhueta escura no corredor dos beliches, um longo momento...

Depois, Hitú apareceu, de súbito, na ponte, uivando com uma voz que a cólera transformava em grunhido descomposto de louco:

— Prendam nos! A's armas! Raptaram Reri!

CAPÍTULO III

Quando em Bora-Bora se tornou conhecida a notícia, o espanto foi enorme. Todos compreenderam logo que o raptor só podia ser Matahi: a sua cavana encontrava-se vazia; partira com os seus harpeus e uma pérola que tinha encontrado; a sua piroga não estava na praia.

Toda a povoação ficou furiosa, incitando o próprio pai. Que iriam fazer os deuses? Profanar assim o tabú! Arrancar assim ao seu ministério a serva do céu! O sacrilégio implicava a pena de morte.

Narração Cinematográfica de F. W. Murnau e R. J. Flaherty

“Tabu”

Mas essa mesma punição, se a pudessem aplicar, salvaria Bora-Bora duma vingança do Alto?

Não era certo.

Entretanto, sob a vindicta pública, mas não se importando com isso, Reri e Matahi, a bordo da piroga minúscula, todas as velas pandas, erravam à aventura. Não sabiam mesmo para onde iam. Algumas bananas, um ôdre de água doce... E uma fé imensa no seu amor!

Após alguns dias de sofrimento e de manejar à tãa, quando jaziam já desmaiados no fundo da leve embarcação, tiveram a sorte inaudita de ser descobertos por um *cargo* e recolhidos, meiomortos de esgotamento. Levaram-nos para a ilha mais próxima. Tinham percorrido sem o saberem, ao sabor das correntes, cerca de duzentas milhas.

Estavam num lamentável estado físico e moral, após a sua aventureira odisséia. Mas a juventude devia trazer-lhes o seu auxílio inapreciável; algumas semanas mais tarde estavam de novo a pé.

Tinham aportado — fugitivos sem esperança — a uma ilha largamente colonizada, mas da pior maneira! Viviam ali comerciantes de pérolas, traficantes, homens de negócios mais ou menos escuros. Bebia-se absinto e champanhe sem descanso; os gramofones repetiam melodias hawaianas, e os dançarinos — onde estardieis vós, corígrafos sagrados de Bora-Bora? — não passavam de mestiços fugidos de casas suspeitas.

Naquele ambiente pouco desejável, Reri e Matahi foram acolhidos como um belo par caído do céu. Incarnavam a saúde corporal, a honestidade moral. Deram logo na Polinésia pela presença dum mergulhador notável. Apressaram-se a contratá-lo sob a bandeira duma companhia. O intermediário foi um chinês, ao qual as transacções deshonestas ainda não haviam enriquecido suficientemente para se reformar ou entregar aos seus deuses a sua amarela alma vil. Celebraram o contrato de Matahi na companhia com muitas garrafas de champanhe de exportação. O polinésio nunca tinha saboreado semelhante nectar; embriagou-se logo. No seu desejo de restituir aos homens brancos o que acabava de receber deles, mandou vir uma caixa completa de *pommery* autêntico; não tendo um chave para o pagar, assinou ao celetre todos os recibos que ele quis.

Apresentada pela
“Paramount”

8 — (Continuação)

diram uma cruz no fundo dum papel coberto de sinais?

Hitú não se conformara com o desaparecimento de Reri. Queixou-se à administração taitiana, que prometeu efectuar investigações e não se mexeu, como era de prever.

Hitú, como era tenaz, partiu então sozinho a bordo dum navio para encontrar os fugitivos.

Prosseguindo no seu périplo e no seu inquérito com uma mimica de polícia e uma cólera de sectário, o feiticeiro acabou por chegar ao *atoll* dos pescadores de pérolas. Por acaso, quando ia partir para a pesca, Matahi descobriu-o. Deu logo meia-volta e regressou à cabana, onde se encerrou com Reri.

A jovem polinésia vivia uma existência terrível; amava cada vez mais o seu Matahi; mas ao mesmo tempo, na sua alma ingénua e obscura, ia-se formando e aumentando o receio. Os deuses não podiam aprovar aquela paixão nascida em bases tam contrárias ao espírito de todas as coisas.

E o próprio Matahi nem sempre conseguia resistir àqueles presentimentos.

Hitú não tardou a saber que tinham ali recolhido um par de polinésios acosados pelas ondas. Não duvidou um momento da identidade dos naufragos; foi apresentar-se ao administrador colonial para reclamar a sua cativa, a serva dos deuses, Reri.

O funcionário não queria pôr-se em opposição com um voto tam firmemente expresso. No primeiro plano das suas instruções figurava esta menção cômoda: «Nunca entrar em conflito social ou religioso com os indígenas.»

Visto que o grande sacerdote queria aquela rapariga, havia de lhe dar. E o próprio administrador dirigiu-se à cabana que lhe indicaram os pescadores de pérolas. Ia negociar aquele caso...

Apertando Reri nos braços, Matahi esperava. Uma vez mais a coragem o tinha abandonado. Sabia bem que, desde que se metesse com os homens brancos, estava perdido. Tinha em seu íntimo uma espécie de respeito quasi mágico por esses estrangeiros de capacete de cortiça que detinham o poder e possuíam armas eficazes. Se Hitú tivesse aparecido, deltar-lhe-lia as mãos ao pescoço. Mas um colono não era Hitú.

(Continua).



Quinze razões e meia para garantir que "A Princesa Encantadora" ("Ronny"), filme-opereta da "Ufa" cantado e falado em francês, com Kate de Nagy, é um fitão!
(A meia razão é aquela metade de rapariga que se vê aqui do lado esquerdo!).

O Cantinho dum Cinéfilo

Fernanda, a camarada simpática que na «página do Porto» da não menos simpática «Imagem» tem afirmado brilhantemente as suas qualidades de jornalista e de estudiosa cinéfila, fez-se porta voz, ha dias, naquela revista, duma sugestão que lhe foi apresentada — a de o hall do «Trindade» ser aproveitado para a realização de chás-dançantes onde se reúnissem os rapazes e raparigas portuenses, numa camaradagem que os libertasse ou, pelo menos, os conduzisse ao rompimento dessas férreas algemas que, sob a capa jesuítica dos preconceitos sociais ou quejandos ridículos, os prendem e subjugam, e prenderão e subjugarão por muito tempo, se não houver uma rajada forte, enérgica, que as quebre duma vez para sempre.

Mas Fernanda, ao transmitir a sugestão que lhe foi feita, vai, cautelosamente, manifestando o seu ceticismo, pelos resultados da realização de tal idea. E tem razão, a Fernanda.

A menos que a empresa do «Trindade» estivesse disposta a suportar um *fiasco*, quando não um prejuizo, durante varios meses — e, mesmo assim, sem qualquer garantia de successo, ao fim deste tempo — o hall do «Trindade», que, aqui para nós, está mesmo a pedir utilização mais ampla, mais prática, mais moderna do que a de servir de *bar* ou simples sala de fumo, não teria, em meu entender, o aproveitamento interessante que a Fernanda transmite — porque estamos no Porto, uma cidade que tem mais de 250.000 habitantes, mas que mais parece, na realidade, uma vila ou aldeia com 5 ou 10.000.

Quem sugeriu a Fernanda tal projecto, já reparou na timidez com que uma senhora, muito embora acompanhada do marido, entra num café, e nos olhares curiosos de que é alvo? Já se dispôs a observar, por essas ruas, o número restrito de raparigas que saem, que andam sòzinhas, sem que sejam acompanhadas de mããs ou de papãs ou de quaisquer olhares vigilantes que as guardem das más línguas e as cubram com o véu negro dos carunchosos preconceitos? Se já fez, nalguma ocasião, estas ou outras observações idênticas, deve já ter compreendido que, para quebrar tais algemas, para dissolver tais preconceitos, é preciso, primeiro, que o povo possua as noções de educação cívica que, nos lugares e nos países onde tais aproximações e tais liberdades são frequentes e naturais, a gente vê com prazer e com inveja.

E não é, creio bem, o hall do «Trindade» que poderá dar à generalidade do público o espirito educado que apenas um ou outro possui.

«A Tragédia da Mina» passou em Lisboa quasi despercebida. E, da mesma forma, está passando no Porto. No entanto, trata-se dum trabalho invulgar, uma obra de Mestre, com todas as qualidades merecedoras de apreço para os que tiverem no coração um pouco de humanidade e no cérebro uns lampejos de ideais absolutamente sãos. Cinéfilos ou não, todos deviam receber carinhosamente a obra de Pabst, como um ensinamento, como um trabalho propagador de sentir e atos bellos, missionários do Bem e da Paz entre os homens.

«A Tragédia da Mina», traço-de-união entre os povos, mereceu, como é natural, o elogio de toda a critica portuguesa e estrangeira. André de Reusse, um dos mais vigorosos e cintilantes criticos franceses, acaba de escrever sobre «A Tragédia da Mina»: «Voilà certainement l'oeuvre la plus forte, la plus empoignant, la plus humaine, la plus sincère que j'aie vue depuis bien, bien longtemps. Et c'est une bonne action; car, on en sort meill'eur, avec la sensation que le monde n'est pas aussi pourri qu'il le paraît et que la fraternité, cette forme-base de la Bonté, n'y a pas encore disparu. Voici un film qui "doit" passer sur tous les écrans, que "doivent" connaître tous les publics.»

A-pesar-de tudo, «A Tragédia da Mina» não foi apreciada pelo nosso público, ainda, na verdade e na generalidade, muito egoísta para se preocupar com os males alheios e, principalmente, porque vai ao cinema quasi exclusivamente para se distrair, para se divertir, sem que o espirito seja preocupado por qualquer forma, pouco se importando com os filmes que o eduquem ou instruem, virando as costas às produções que encerrem uma lição, que conttenham um ensinamento, que defendam uma idéa, se para isso, naturalmente, tiver o cérebro de se impressionar mais do que a vista.

Eu concordo em que não se deve fazer do cinema uma sala de aula ou um salão de conferências. O público quer distrair-se, precisa, principalmente, de espectáculos alegres, simples na sua assimilação, meramente objectivos na sua descrição. Mas, dentro dessa concordância, cabe muito bem a necessidade que eu vejo de lhe dar, de vez em quando, obras mais transcendententes, duma maior intelectualidade, para a cultura do espirito e da intelligência, que podem, às vezes, apagar-se ou estagnar-se, se, de quando e n quando, o fole da renovação não vier dar-lhe umas *insufladelas* de ar fresco...



Richard Arlen prefere os assuntos desportivos

Efemérides da semana

19 a 25 de Março

Março, 20 (1920) — Estrela-se no «Condes» a fita «Coração de Mulher», com Norma Talmadge.

22 (1931) — Charlie Chaplin chega a Londres.

23 (1908) — Nasce em San Antonio (Texas), a actriz Joan Crawford.

25 (1896) — Nasce em Philadelphia, Pa., o actor El Brendel.

Entretanto, quando Lilyan Tashman (como se deu ha pouco) paga 1.500 dólares por um chapéu numa loja da quinta Avenida, sabem-no todos que o seu gosto, nesse caso, não dizia respeito somente à côr daquele pequenino objecto com que as mulheres cobrem o toucado; é que o chapéu valia mesmo esse preço.

Nancy Carroll gosta de achar quem lhe fale de cinema e até quem lhe elogie os filmes... Não é por vanglória que a «estrêla» de «O Homem que Matei» aprecia e até abre caminho a tais comentários; é porque ela busca sempre conhecer os seus pontos fracos para corrigir-se.

Aí está uma peculiaridade altamente proveitosa...

Artistas da têla

Nancy Carroll gosta de encontrar quem lhe fale de cinema

Peculiaridades dos

Os artistas de cinema, como aliás se dá com todos os demais artistas, têm também as suas peculiaridades ou esquisitices de gosto.

Richard Arlen, por exemplo, prefere os assuntos desportivos, porque o nosso actor sempre foi grande afeiçoado a todos os jogos físicos; mas, por peculiaridade sua, evita sempre os topicos de conversação que se localizam sobre a sua pessoa. Modestia de artista, dizem uns; peculiaridade comum às pessoas de senso, dizemos nós.

Por seu lado, Claudette Colbert, artista da têla, não corre o risco de falar sobre si, em palestras íntimas, porque o seu assunto predilecto vai sempre envolver nomes e personalidades que gravitam numa esfera de arte alheia às coisas de cinema: o desenho e a pintura. Mademoiselle Colbert adora a pintura, embora não pinte. Dizem que a sua predilecção artística era a música, que estudou durante algum tempo. Ainda hoje, divorciada por assim dizer dos seus estudos de música, a artista francesa se interessa grandemente pela música norte-americana, tendo feito uma vasta colecção das peças de «jazz» que mais lhe agradam.

Lilyan Tashman, em questões de gosto pessoal, centraliza as suas ambições estéticas em torno da gama das côres. A «mulher mais elegante» de Hollywood, como já a cognominaram alguns jornais, preocupa-se talvez em excesso com as coisas da moda feminina. Os seus chapéus, as suas «toilettes», os seus sapatinhos de luxo, as suas luvas, os seus anéis... E tudo isso obedece a um bem traçado programa em que as côres desempenham não pequeno papel. Zelosa de bem vestir, é natural que Lilyan tenha esse apurado gosto pela combinação de côres do seu trajar. Allás só aos desprovidos de gosto estético pôde agradecer, na combinação da indumentária, a confusão de côres do arco-íris...



Vocês sabem: Lew Ayres, o romântico Lew, o organista solitário, o astrónomo amoroso das celetes «estrêlas», casou-se!... Casou-se há pouco com Lola Lane precisamente quando Hollywood o julgava apaixonadíssimo por Joan Bennett, — precisamente quando o seu idílio com Lola parecia definitivamente terminado.

Ambos teem vinte e dois anos, a idade em que os mal-entendidos e as zangas amorosas parecem obstáculos difíceis de transpôr, — mas que também é a idade das reconciliações apaixonadas e das ligações irresistíveis que no momento em que tudo parecia perdido lançou um nos braços do outro...

A sua história?... É tam simples como movimentada...

— «Prefiro ser Mme. Lew Ayres que a maior artista do mundo», declarou um dia Lola parafraseando D. Luísa de Gusmão, esposa do nosso rei D. João IV... E Lew Ayres dizia com convicção:

— «O sucesso, a fortuna e a glória não teem para mim nenhum valor sem ter Lola a meu lado...»

Os pobres moços estavam apaixonados!...

Um dia Lola partiu para New-York, onde devia cumprir um contrato teatral. Para se esquecer das agruras da vida, Lew trabalhava no estúdio durante longas horas... A noite ia para o «Embassy» na companhia de uma loira «star», — que não era Lola Lane... Numa «soirée» organizada por uns aviadores, Lew viu Lola acompanhada por um jovem realizador... Tudo pareceu perdido, irremediavelmente perdido... Lola fez as malas com os olhos marejados de lágrimas, — porque amava Lew... E Lew, que já não albergava nenhuma esperança no seu coração apaixonado, foi passear para o campo, — porque ainda continuava a amar Lola... Disto é que êle não podia duvidar!

O que aconteceu?...

Lew Ayres, com o coração a sangrar, caminhava mais apressadamente pelo campo, e ia pensando alto:

— «Lola não compreende, não quer compreender... Porque não compreende?...»

E Lola, depois de ter deitado os seus vestidos para dentro de uma mala, deixou-se tombar sobre o leito, a chorar... Não podia compreender Lew: um dia êle mostrava-se encantador, atencioso, amoroso, — e no dia seguinte encontrava-o completamente diferente, estranho, duro, frio, — um homem que ela não compreendia...

Com os olhos fechados, Lola evocava essa noite inolvidável em que pela primeira vez tinha visto Lew Ayres, — e tinha ficado a gostar dêle... Revia tudo... Lola encontrava-se numa sala escura, sentada perto dum jovem director de que se julgava enamorada e que lhe segurava as mãos...

No «écran» passava-se o formidável fonofilmé «Nada de novo na frente ocidental»... Quando Lew Ayres apareceu no «écran», Lola retirou vi-

O romance de Lew Ayres



O Paul Baumer de «A Oeste nada de novo», o organista solitário e astrónomo que se casou com Lola Lane

Sylvia Sidney numa nova produção «Paramount»

O filme «The Miracle Man» («O Milagroso») está sendo reeditado. Feito há anos pela «Paramount», como silencioso, a sua versão sonora, que está recebendo os ultimos retoques no estúdio da companhia em Hollywood, emprega nada menos de dezasseis nomes de categoria, sob a direcção de Norman McLeod.

Sylvia Sidney é a estrela, o que, de começo, nos faz pensar no realismo que esta meticolosa actriz ha-de dar à personagem por ela interpretada.

O restante do elenco inclui Chester Morris, Irving Pichel, John Wray, Robert Coogan, Lloyd Hughes, Boris Karloff, Ned Sparks, Hobart Bosworth e Florine McKinney. Os artistas de segunda linha são: Jackie Searl, Effie Ellsler, Virginia Bruce, Frank Darien, Lew Kelly e Sherry Hall.

Como se recordam os leitores, a antiga fita tinha Lon Chaney no primeiro papel; Thomas Meigham e Betty Compson eram os namorados.

vamente as mãos: os olhos melancólicos de Lew, o seu sorriso reticente, o seu encanto moço tinham encontrado o caminho do seu coração...

Naquela noite, ao adormecer, Lola pensava como seria agradável encontrar bem depressa Lew Ayres e alegrava-se por o poder achar tam sedutor na vida como no «é ran», tam simples, tam pouco galã de Hollywood. E alguns dias mais tarde, estando a almoçar no «Brown Derby», reparou que Lew almoçava numa mesa vizinha na companhia de um realizador que era conhecido de Lola... Lew pediu para ser apresentado a Lola, — e antes que Lola voltasse à realidade, estava sentado ao seu lado, convidava-a para jantar e inscrevia o seu endereço no seu «carnet»... Lola caía das nuvens!...

No dia seguinte, no «Roosevelt», depois do jantar, Lew e Lola dançavam animadamente... A orquestra estava a tocar a mesma música que tocara na noite em que Lew, estando a dançar com Lily Damita, foi notado por Lewis Milestone, o director de «Nada de novo na frente ocidental»... Lew Ayres murmurou ao ouvido da sua companheira:

— «Vai-nos certamente suceder qualquer coisa extraordinária... É quasi inacreditável como estamos a ouvir a música que fez a minha glória!...»

Foi o começo de uma amizade que não tardou em se transformar num sentimento mais terno. Eles tinham os mesmos gostos, gostavam de nadar, de jogar o «tennis», adoravam a música... Lew tocava guitarra... Lola passava horas inteiras ao piano...

Mas um dia Lola, jovem e «coquette», manifestou o desejo de ir a um baile... Lew fez objecções... Foi um pequeno amuo que depressa passou... É um dia, Lola foi chamada ao telefone...

— «É's tu, Lolie?... Sou eu, o Lew... Queres casar comigo, Lolie?... A minha carreira?... Isso não tem importância... Não posso viver sem ti!...»

Lola sorriu e respondeu com uma voz um pouco nervosa:

— «Sim, Lew, casarei contigo quando quiseres!...»

Quinze dias mais tarde, Lola e Lew sem dizerem nada a ninguém partiram para Las Vegas onde um padre complacente os casava diante de duas testemunhas...

Nesta semana fazem anos: I

De 19 a 25 de Março

Março 21 — Sidney Franklin (Realizador).

22 — Bernice Claire (23).

— Carmelita Geraghty.

23 — Joan Crawford (24).

24 — Jameson Thomas.

25 — El Brendel (36).

C

N

E

M

A

5

LUCIANO GOMES: — O Director pede para lhe agradecer muito os artigos enviados, mas diz que não servem para nada. E não vale a pena mandar mais.

J-12: — Escreva a qualquer das três Joan Crawford, Greta Garbo ou Anita Page, para «Metro-Goldwyn-Mayer Studios», Culver City, Calif. Mas veja se consegue 25 cents americanos em selos, para incluir na carta. Incluindo os selos, tem muito mais probabilidades de receber o retrato.

REI DAS TRAQUITANAS: — Peço perdão, mas não é Você, é o Silvestre Alegria; e não abuse desse pseudónimo, senão tem que pagar direitos de autor ao sr. Julio Dantas!

1.^a — Os modernos postais «Ross» custam 1\$50; 2.^a — Dos filmes que indica, só «Cimarron» é que talvez não venha esta época. Os outros, «Aventuras de Tom Sawyer», «Anjos do Inferno», «Trader Horn» e «Skippy» devem todos ser exibidos; 3.^a — Em «Cimarron», Richard Dix e Irene Dunne; «Anjos do Inferno», Ben Lyon e Jean Harlow; «Trader Horn», Edwina Booth e Harry Carey; «Tom Sawyer», Jackie Coogan, e «Skippy», Jackie Cooper.

UM RIVAL DE «EU SEI TUDO»: — Para Selva de Almeida e Dina de Vilhena, pregunte para «Paramount Films S. A.», rua Braamcamp, 10, 1.^o, Dt.^o, Lisboa. Kay Francis, «Warner-First National Studios», Burbank, California (U. S. A.).

UM RAPAZ DESMIOLADO: — Ora viva, «seu» Luciano Gomes! Para outra vez, disfarce a caligrafia! 1.^a — «Vienne Nights» e «Moby Dick», talvez ainda esta época. «Song of Flame», não sei. 2.^a — O romance que acompanhava o 1.^o número desta revista era a continuação do que vinha publicado na revista «Filmes». 3.^a — Todos os filmes (que mania é essa de escrever «film»?) de Greta Garbo, mudos e sonoros, isso é que é muita coisa, quando o espaço tanto falta! Vamos lá a ver se lhe dou a maior parte: «Lenda de Gosta Berling», «Rua Sem Sol», «Torrent», «Love», «Flesh and the Devil», «Divine Woman», «The Temptress», «Mysterious Lady», «Woman of Affairs», «Wild Orchids», «Single Standard», «The Kiss», «Anna Christie», «Romance», «Inspiration», «Susan Lennox», «Mata-Hari» e acabou ha poucos dias «Grand Hotel».

LUCIANO DA SILVA: — ... e vão dois Lucianos! Não publicamos o argumento de «Matou», porque este filme foi estreado antes da publicação desta revista. Agora, já perdeu a grande oportunidade, se bem que aquela fita vá ser reexibida breve.

CHICO: — Mau, mau, mau!... Então ainda só ha dois números publicamos o retrato de Mary Carlyle e você já está a pedir a direcção? Ela aí vai «Metro-Goldwyn-Mayer Studios», Hollywood, California (USA). Seu sófrego!

PRIMA DO SONOROFILISSIMO: — O quê? Você pensava em tratar-me por Excelência? Isso é que tinha graça!

Correspondência

Olhe, trate-me por tu, priminha! Com que então, já pôs de parte o Garatsinho (lê-se Garásinho e não Gará...tesinho), trocando-o pelo Gary Cooper? Isso faz-se? Para castigo, não lhe digo quando virá outra fita do Cooper... porque não sei! Se eu queria! Trocar o Garat pelo Gary!...

Tanto para a Sylviasinha (inha...) como para o Gary Cooper, pode escrever para «Paramount Publix Studios», 5341 Marathon Street, Hollywood, Calif. (U. S. A.). Para ter mais probabilidades de receber as fotos, não se esqueça de incluir 25 cents. americanos, em selos. Veja se os consegue no consulado americano ou na casa bancária Borges & Irmao. E até breve, priminha!

DOIDO POR LOIRAS: — Mostrei as referências que faz ao Director! Até cresceu mais um bocado, e não roeu mais as unhas, porque já estavam todas roídas! E pede-me para lhe agradecer tanta palavra bonita!

J-12: — Sim senhor, fotos de Lucille Le Sueur, são raríssimas, pois as que ha hoje são todas sob o nome que ela adoptou ha muitos anos, Joan Crawford. Embora a mulher seja a mesma!... O que pode haver com mais facilidade é a reprodução de qualquer foto antiga, em revistas ou jornais. O nosso Director publicou ha tempos uma no magazine «Civilização», num artigo que escreveu sobre Joan Crawford. Olhe um segredo: eu gosto muito mais da Lillian Roth do que da Kay Johnson. Quanto à Sylvia Sidney, é proibido falar dela, nestas semanas mais próximas. E' que, de contrário, o Director lembra-se e lá vem mais uma gravura da Sylvia na revista... «Mocidade Ardente» é simplesmente sonoro, sem diálogo. Não me parece que seja exibido breve.

IRMÃ DA PRIMA DO SONORIFILISSIMO: — Ai, Jesus, que lá vem a árvore genealógica do «Sonorifilissimo», com raiz e tudo! Não, senhora, a Lillian Harvey não chegou a casar com Willy Fritsch. Quem está todo contente é cá o nosso chefe... Charles Rogers organizou um «jazz-band», e anda em tournée pela América; mas, segundo declaração que fez há tempo, não abandona definitivamente o cinema. Mary Brian não está actualmente contratada por nenhuma casa.

E deixe-me dizer-lhe que Você e a sua Irmã são uma e a mesma pessoa...

SAGRAV V: — Das actrizes por que pergunta, só uma está trabalhando presentemente: Francesca Bertini. Escreva-lhe para 82, rua Charles-Laffite, Neuilly-sur-Seine (Seine), France.

MARIANA: — Kate de Nagy foi a protagonista de «A Loucura do Monte-Carlo». Ainda não apareceu em mais nenhum fonofilme. Vai aparecer brevemente em «A Princesa Encantadora» («Ronny»), uma cine-opereta em francês, em que ela tem um magnífico papel. Se ela já conquistou muitos admiradores com «A Loucura de Monte-Carlo», o que não será agora com «A Princesa Encanta-

dora!» Vai ficar tudo Kate de Nagyfilo. Eu, só com aquele bocadinho de fita-anuncio que estão passando no «Trindade», já estou perturbadissimo!...

BERTHA A. DA SILVA: — «Cinéa», 39, Boulevard Raspail, Paris (17me.); «Photoplay Magazine», 221 W. 57th St., New-York City; «Picture Play», 79 Seventh Avenue, New-York City; «Kinematograph Weekly», 93 Long Acre, Londres; «Filmwelt», Kochstrasse 6-8, Berlin SW. 68.

EU SEI TUDO.

O próximo filme de Dita Parlo

A actriz alemã Dita Parlo, que já de ha tempos se encontra na América, acaba de ser contratada por Adolph Pollak, presidente da «Peerless Productions», para interpretar a protagonista de «The Warning Shadow» (A sombra avissadora), sob a direcção de Edgar George Ulmer. Será a sua primeira fita depois que interpretou na América a primeira actriz da versão alemã de «O Presidio».

Um inquerito

O que fazem os artistas fóra dos estúdios?... Em que passam as suas «horas vagas»?...

Os artistas vão responder a estas perguntas indiscretas:

Fala William Haines:

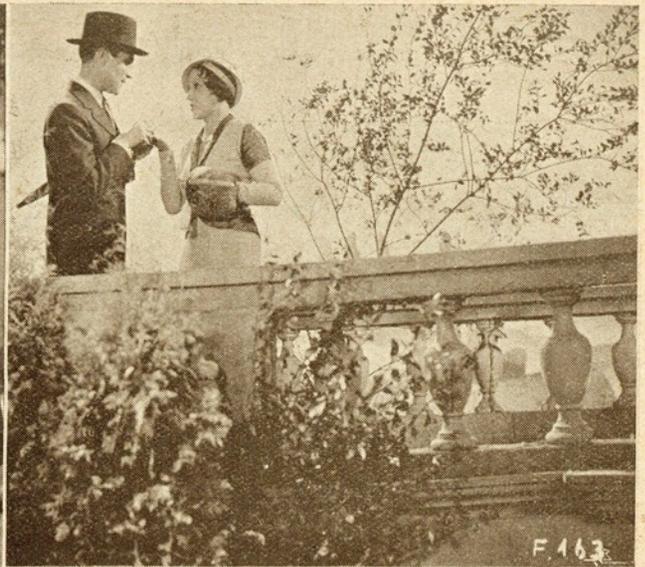
«Gosto de aproveitar as minhas horas de liberdade a percorrer as cidades em procura de raridades e antiguidades para a minha colecção... Interessam-me imenso as velharias... Teem um sabor ao passado que me comove...»

Clive Brook respondeu assim:

«Ha um sport que me é muito simpático e que me fascina invencivelmente quando abandono a atmosfera sufocante dos estúdios... Um sport elegante e belo: o tennis... sou um tennisman endiabrado!... Não creio que isto seja um grande defeito, mas se o fôr, resta-me a consolação de ter a meu lado o Ronald Colman...»

Reginald Denny disse:

«Adoro a aviação... E para satisfazer esta paixão não encontrei nada melhor do que comprar um avião!... Que horas deliciosas passo nos ares ouvindo o roncar do motor!... Chego a lembrar-me de que vivo sozinho no mundo!... E' um sport maravilhoso... Não conheço outro mais agradável...»



Kate de Nagy, Charles Fallot e Marc Dantzer em «A Princesa Encantadora («Ronny»), filme-opereta da «Ufa», cantado e falado em francês

Ouvimos dizer...

que a empresa que se está organizando para a produção de filmes portugueses, e da qual Leitão de Barros é o grande animador, adoptará o nome de "Sociedade de Filmes Sonoros Portugueses".

que dessa empresa faz parte um dos gerentes duma firma representante duma importante fábrica de discos e gramofones.

que o «Trindade» estreará em Maio a nova produção de Lillian Harvey e Henry Garat, «Dois Corações a Compasso».

que antes deste filme passarão no «Trindade» «O Tenente Sedutor» e «Fatalidade», de Marlene Dietrich.

que o Jardim Passos Manuel encerrará brevemente as suas portas, para proceder a grandes obras.

que se pensa transformá-lo num circo.

que a Comp.^a Cinematográfica de Por-

Um importante contrato para Miriam Hopkins

Miriam Hopkins, a jovem actriz que veremos brevemente em «O Tenente Sedutor», ao lado de Maurice Chevalier e Claudette Colbert, acaba de firmar com a «Paramount» um contrato de longa duração, como recompensa pelas suas magníficas interpretações para aquela casa — «Fast and Loose», «O Tenente Sedutor», «24 Horas», «Dr. Jekyll and Mr. Hyde» e «Dancers in the Dark».

tugal, Secção Fox, já recebeu novos filmes.

que entre eles se conta «Affaires of Anabelle», com Jeanette MacDonald.

que o «Agulha d'Ouro» estreará brevemente o filme «Inspiração», de Greta Garbo.

que «Trader Horn» será estreado no «São Luís» no dia 4 de Abril.

que «O Tenente Sedutor» só provavelmente na segunda semana de Abril terá a sua primeira exibição no «Tivoli», de Lisboa.

que já não voltará a Lisboa, como se esperava, Sidney Chaplin, visto ter partido com seu irmão Charlie, para o Japão.

que, por tal motivo, tornam a interromper-se as negociações estabelecidas para aquisição de «Luzes da Cidade».

que o «São Luís» exhibirá ainda esta época «Atlantida», de Pabst.

A «Universal» vai fazer «Naná», de Zola

A «Universal» decidiu fazer um fonofilm de «Naná», a conhecida obra de Emile Zola. Para a protagonista escolheu a actriz austriaca Tala Birell, que ha pouco foi para a América, tendo interpretado a versão inglesa de «Monte em Chamas», que Luis Trenker terminou ha pouco para a «Universal».

Eisenstein não entra na América

Em virtude de lhe ter sido recusada a entrada nos Estados-Unidos, por não estar de harmonia com as leis de imigração, o realizador russo Sergei M. Eisenstein afirmou que vai apelar para Washington. Receia-se na América que as fitas que elle fez recentemente no México sejam de propaganda comunista. Eisenstein e os seus ajudantes retiraram para Nuevo Laredo, na fronteira do México.

Novos filmes da «Ufa»

A «Ufa» principiou filmando «Ein toller Einfall», com Willy Fritsch no principal papel, sob a direcção de Kurt Gerron; Lillian Harvey, que ha pouco terminou «Dois Corações a Compasso», é a protagonista, com Hans Albers, de «Quick», nova produção de Erich Pommer: e, com Werner Krauss, sob a direcção de Gustav Ucicky, está fazendo «Homens sem Nome», cuja versão francesa será interpretada por Firmin Gémier.

Phillips Holmes na «M-G-M»

Phillips Holmes, que ha muito tempo se encontrava na «Paramount», e de quem vimos recentemente «Ceu Roubado», com Nancy Carroll, foi contratado pela «M-G-M» para aparecer ao lado de Anita Page em «Night Court», que W. S. Van Dike está dirigindo. Lewis Stone e Walter Huston tomam parte neste filme.



Qual é a espectadora que ao ver o «hero!» tomar emfil nos seus braços a bem-amada, a «artista», que mil obstáculos separaram durante um filme movimentado, — não sonhou em substituir a actriz para conhecer por sua vez o exlase deste beijo final?... Ser beijada por Buddy Rogers, Ronald Colman, Henry Girat, Maurice Chevalier!...

Sim, todas as raparigas que vão ao cinema gostavam de sentir o calor dos lábios do seu artista preferido... Todas, dizemos nós... Não! Todas menos uma, menos a Fernanda, aquela rapariga cinéfila que ha tempos nos pediu uma fotografia do Milton Sills...

E o que pensam as artistas destes beijos profissionais?... Como receberão o contacto dos lábios dos seus camaradas masculinos?...

Eis um Inquérito interessante que nos propuzemos organizar. Para isso mandámos um questionário à Joan Bennett, pois esta artista durante os dois últimos anos filmou uma dúzia de películas sempre com um actor diferente: Ronald Colman, George Arliss, John Barrymore, Robert Montgomery, Harry Richman, Lewis Ayres e outros mais...

A resposta chegou ha dois dias. Vejam o que ela diz:

«Os meus favoritos, são Ronald Colman e George Arliss.

Bulldog Drummond foi o meu primeiro filme, e ainda hoje fico a tremer quando penso nas tremendas *gaffes* que ia fazendo. Felizmente que Ronald Colman foi para mim o melhor e o menos egolista dos camaradas. Com uma paciência e uma gentileza que não esquecerei nunca, explicava-me o que devia fazer e iniciava-me assim nos truques da profissão.

O que sucedeu quando Colman me tomou nos braços e me beijou?... Pouca coisa! Fiquei um pouco atrapalhada, porque não estava habituada a estas manifestações da ternura... Parecia-me que todo o estúdio estava a olhar para mim, e córei... Julguei que a cena seria pequena, — mas afinal tivemos de a repetir seis vezes!...

Filmei com John Barrymore «Moby Dick»... Quando filmámos, John esperava a todos os momentos ser chamado ao hospital para assistir ao nascimento de um filhinho, e porisso era um Barrymore distraído e preocupado que trabalhava connosco no estúdio.

Quando vi o célebre perfil debruçar-se sobre mim e os seus lábios colocarem-se sobre os meus, não senti nenhuma emoção: sentia-o por demais ansioso por voltar para perto de sua mulher...

George Arliss é o melhor artista de Hollywood, aquele que eu prefiro. Quando filmámos «Disraeli» ele estava de tal modo preocupado comigo que a partir das quatro e meia da tarde lhe era impossível lembrar-se de uma só linha do seu papel... Conversávamos muito!

Harry Richman, com quem filmei «Putting on the Ritz», apenas canta muito agradavelmente...

Robert Montgomery não tinha muitas mais vantagens... Quando filmámos «Three Live Ghosts», era um debutante e tinha-se

O beijo de cima, entre John Barrymore e Dolores Costello, foi um beijo casamenteiro. Foi daí, desde «A Fera do Mar», que John Barrymore começou a gostar a valer de Dolores Costello, que tempo depois seria sua esposa. Do beijo de baixo, entre Ben Lyon e Billie Dove... do beijo de baixo é melhor não dizermos nada!

CINEMATOGRAFICOS



Aqui está, bem traçada, a tam discutida figura geométrica que é o triangulo amoroso — o marido, a mulher, o outro. O mais curioso é o beijo fora do vulgar que «a mulher» (Viola Dana) está recebendo «do outro» (Ben Lyon)! O cúmulo da velocidade!...

casado ha pouco tempo... Vocês aí em Portugal devem perceber o que eu quero dizer!... E' que estas duas colsas juntas não o recomendavam muito como um ardente amoroso...

Edmund Lowe tambem não fez vibrar a minha corda sensível... E' um amoroso realista que faz a cõrte às mulheres como quem quiere conquistar uma cidadela... E, de restõ, «Scotland Yard», que filmámos juntos, era um filme «policia!...

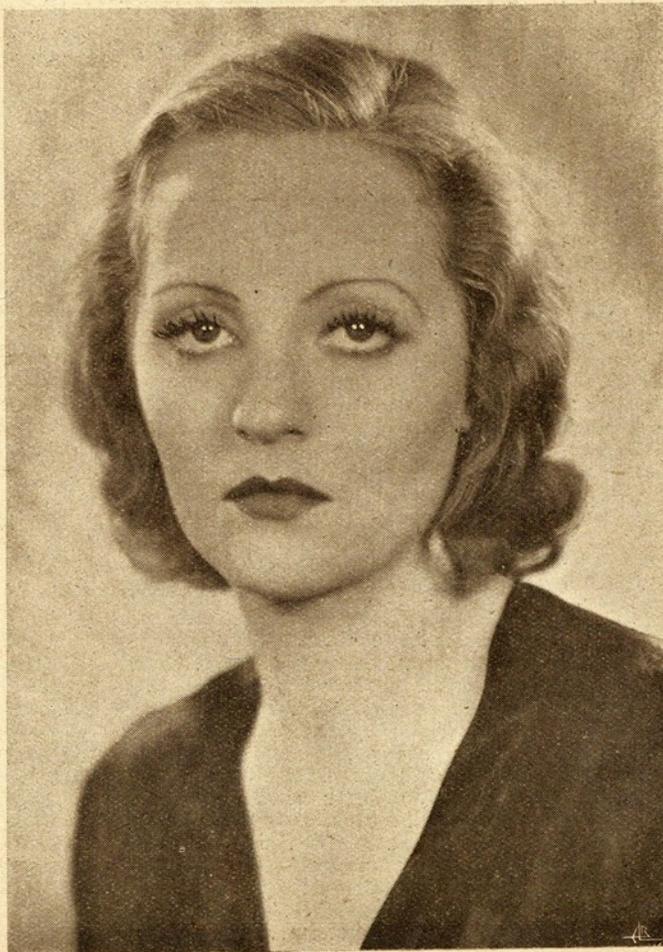
Com Lew Ayres filmei «Many a Slip». Sabem o cu) me sucedeu com êle? Quando me devia beijar, voltou as costas para a máquina e estragou a cena...»

A carta não termina aqui: conta mais aventuras amorosas. Mas Joan Bennett é uma insatisfeita: parece que ainda não encontrou um homem que saiba beijar completamente bem...

— «Encontrou, encontrou! — diz-nos aqui do lado o nosso director. Outro dia Joan foi beijada em certo restaurante por John Considine e aquela frialdade de gelo derreteu como neve ao sol...»

— «Quem é John Considine?» — preguntámos logo.

— «Isso é uma outra



história, que só eu e êles sabemos...», respondeu o nosso director recomeçando o trabalho.

ANTONIO JORGE.

Tallulah Bankhead trabalha agora em Hollywood

Desde o seu contrato com a «Paramount», trabalhava Miss Bankhead no estudio de Nova York. Recambiada, agora, para o atelier da Costa do Pacifico, lá está ela interpretando o principal papel feminino de «Thunder Below», com Paul Lukas, seu galan no filme.

O assunto de «Thunder Below» localiza-se num país hipotético da America do Sul onde Miss Bankhead vive entre engenheiros americanos e onde se desenrolam os principais incidentes dramáticos do filme.

Durante a sua permanencia ao estudio de Nova York, Miss Bankhead fez três filmes de categoria: «A Ludibriada» (The Creat), «O Meu Pecado» (My Sin) e «Casamento Singular» (Tarnished Lady), todos excelentes dramas sociais.



Judah é preso; a mãe e a irmã são encarceradas...

“BEN-HUR”

Estamos em Jerusalém, quando José e Maria caminham para as terras de David. O filho de Deus vai nascer... Depois, a estrela de Bethelem, iluminando o deserto, conduz os reis Magos ao estabulo onde a Virgem, num sorriso de candura, lhes apresenta o menino Jesus. E' assim que começa o filme, a peça maravilhosa que se chama Ben-Hur.

Passam-se vinte anos. Um dia Judah, príncipe da família Hur, recebe em sua casa o centurião Massala, amigo de infância, e agora oficial romano. A camaradagem de outrora parece que nunca existiu. O hercules de Roma, falso e maldoso, só tem uma ideia: humilhar o príncipe que sabe manter as nobres tradições da sua raça e, pior ainda, apoderar-se da sua fortuna. Massala, que para realizar o seu plano aguarda apenas uma ocasião favorável, aproveita uma tragédia do acaso, uma desgraça que lhe vem resolver o problema: no momento em que a família Hur assiste à entrada triunfal de Gratus em Jerusalem, uma telha desprende-se do balcão, resvala e vem cair sobre o Procurador, ferindo-o. Massala acusa Judah de atentado contra a vida de Gratus. O judeu herdeiro da casa Hur é preso e condenado às galés por toda a vida; a mãe e Tirzah, sua irmã, são encarceradas numa enxovia terrível.

Durante três anos, o forçado da Judeia rema, de corrente aos pés, numa galé, resistindo corajosamente à grande tortura física e moral.

Quintus Arrius, almirante da frota romana enviada contra os piratas, mostra-se indulgente para com o príncipe; conhece a sua história, admira e respeita as qualidades do seu caracter.

Realização de Fred Niblo
Produção da «M-G-M»

PRINCIPAIS INTERPRETES

Ramon Novarro..... Judah Ben-Hur
May Mac Avoy..... Esther
Francis X. Bushman... Massala

O navio dos romanos, levado pelas remadas dos escravos, faz-se ao largo. Mas os piratas, fortes e vigilantes, não tremem: atacam... Então, no alto mar, trava-se uma batalha renhida e pavorosa. Judah Ben-Hur aparece no tombadilho, entre o fogo e os inimigos, e, com alma, defende o almirante, o homem generoso; e valendo-se de destroços que fluctuam, arrasta-o consigo, salva-o da morte. Quintus Arrius, como prova de reconhecimento, não se limita a restituir a liberdade ao bravo judeu: adopta-o como filho e herdeiro.

Decorre tempo. O heroi voita à terra natal na esperança de encontrar a mãe e a irmã.

Dizem-lhe que Simonides, antigo e fiel intendente da casa Hur, se tornou o comerciante de mais fama em Antioche, vivendo na grandeza. O amo e o servo encontram-se; e Simonides restitui ao Príncipe uma grande parte da fortuna, que à custa de sacrificios e torturas, conseguiu salvar. Judah na posse dos haveres que lhe legou o almirante Arrius, torna-se o homem mais rico; e o seu feito ganha-lhe entusiasmo para a vida, porque encontrou, além da riqueza, a mulher dos seus sonhos: Esther! — uma escrava que nasceu para princesa...

Entretanto, *Ben-Hur* é informado de que o seu maior inimigo vai tomar parte na grande corrida de carros em Antioche; Massala quer levar para Roma a palma da vitória. O príncipe, que travara conhecimento com Sheik Ilderim e sua filha Iras em casa de Simonides, é convidado pelo mesmo para guiar os seus famosos cavalos brancos.

Judah aceita. Mas Iras, amante secreta de Massala, receando o resultado da corrida, tenta perde-lo, envolvendo-o em carinhos... O príncipe Hur resiste à tentação porque o seu pensamento está fixo na filha de Simonides.

O estrategema da mulher falsa e «coquette» falhou; impõe-se portanto um outro plano; *Ben-Hur* tem que desaparecer. Mas Esther, que vive para o príncipe, salva-o dum *complot* criminoso.

Em Antioche, o entusiasmo pela corrida é uma loucura. As apostas multiplicam-se. Ha doze nações que concorrem e todas querem ganhar o primeiro prêmio. Massala, para não dar parte de fraco, aceita uma aposta que compromete a sua fortuna; se perder, ficará arruinado!

A corrida vai começar no velho Colyseu perante a multidão enorme e nervosa, desvaivada e febril. Eis os cavalos desenfreados, num correr vertiginoso... A' quarta volta, Massala, na frente dos adversários, domina; parece que vai ganhar. Mas Judah, de braços treinados por três anos de remo, alma forte que o romano não compreende, anima-se, entusiasma-se, arrisca-se ao maximo e aproxima-se do inimigo colocando-se a seu lado. O momento é solene e emocionante. Nas bandadas, em volta da arena onde jazem agora carros destruidos e parelhas esma-

gadas, ha gestos e agonias, treme-se... Hur sofre corajosamente as chicotadas de Massala — ultima infamia do seu algoz. Os cavalos brancos correm mais... Ao tomar a dianteira, o carro de Ben-Hur toca nas rodas do carro de Massala. Este cai e desaparece entre estilhaços e nuvens de poeira.

Judah Ben-Hur, em plena gloria, quer descobrir o destino da mãe e da irmã. Dizem-lhe que morreram. Uma voz interior afirma-lhe que não. Ainda vivem, não há duvida; todavia a desgraça das duas mu-



Massala aceita uma aposta que compromete a sua fortuna

“Coleção de Sempre”

Estão publicadas as duas senhas (8 e 9) que habilitam os leitores de “Cinema” a adquirir o primeiro romance desta coleção, intitulado

«Mulher que Passa...»

É um elegante volume de 128 paginas, cuja leitura agradável e profundamente sentimental fará as delicias dos leitores, e especialmente das gentis leitoras.

As senhas devem ser coladas num pequeno rectangulo de papel e entregues em todas as agencias de venda do “Cinema”, na provincia e ilhas, juntamente com a importancia de 1\$50.

Os leitores do Porto e de Lisboa obterão o volume em referencia apresentando as senhas e 1\$20 nas seguintes casas, que gentilmente se prestaram a fazer a distribuição:

PORTO...

Papelaria A. J. de Almeida — P. Guilherme Gomes Fernandes, 60.

Papelaria da Moda, (Almeida & Filhos) — Rua de Santa Catarina, 280.

Tabacaria Central da Trindade — Travessa da Trindade, (no Edificio do Salão Jardim da Trindade).

LISBOA...

Agencia Internacional de Livraria e Publicações, L.da — R. do Crucifixo, 31-2.º.

Fica assim remediado o inconveniente de se extraviarem os folhetins, embora com maior dispêndio para nós. Oxalá que todos compreendam o nosso esforço e que encontremos numa maior expansão de “Cinema” a justa compensação.

lheres foi talvez superior à sua. Pilatos mandou-as soltar, mas vivem longe da humanidade porque, durante o presidio, veio-lhes uma molestia que não tem cura: a lepra.

Ben-Hur quer vingar-se dos romanos causadores de todas as suas desditas. Assim, organiza um batalhão de guerreiros da Galiléa, com o firme proposito de sentar no trono o Rei dos Judeus. Entretanto o povo assiste à passagem dum condenado que vai para o suplicio: É Cristo que caminha difficilmente, para o Monte das Oliveiras. O Messias que resuscita os mortos poderá, sem duvida, curar as duas mulheres descendentes dos Hur? ! Este fixa a ideia, dominado pela fé num milagre, corre ao campo dos leprosos, traz a princesa e Tirzah. Todos, cheios de esperança, humildes e lacrimosos, estendem os braços a Jesus implorando a sua misericórdia divina. O Filho do Homem «cujo reino não é deste mundo» faz um milagre: *Foi a tua fé que te salvou!* E com a sua mão generosa e santa apaga os traços da lepra, restituindo a saúde e a beleza às duas crentes.

Judah apertando-as nos seus braços, diz a Ester: «Trez vezes seja bemdito este dia que me restituiu minha mãe, minha irmã e... tu!» E como dos lábios de Jesus Cristo saem apenas palavras de paz e de perdão, Judah Ben-Hur esquece as agonias do passado e mete a espada na bainha.

Hosana!

George Barbier reaparece ao lado de Chevalier

Aparecem juntos em «O Tenente Sedutor», que veremos brevemente. Barbier é o velho monarca em cuja cabeça grisalha o endiabrado tenente põe tantas preocupações. Agora vamos ver Chevalier e George Barbier novamente

juntos, mas desta vez o «ex-monarca» tem desempenho diferente.

O novo filme de Chevalier chama-se «Uma Hora Contigo» e nele apreciaremos, além do trabalho de um escolhido elenco, a a gentileza da encantadora Jeanette MacDonald, a nunca esquecida «estrela» de «A Parada do Amor» e «O Rei Vagabundo». Este filme de Chevalier foi dirigido por George Cukor, sob a fiscalização pessoal de Ernst Lubitsch.

William Fox, possuidor das patentes «Tri-Ergon», acaba de processar 15 cinemas de Nova-York que estão exibindo filmes alemães, e bem assim as respectivas casas distribuidoras. Fox declara que, em virtude das referidas patentes, registadas primeiramente na Alemanha, todos os distribuidores e exibidores de filmes alemães que se utilizaram das patentes em questão, terão de pagar royalties à «American Tri-Ergon», de que William Fox é o presidente.

Mary Carlile, aquela linda lourinha de quem publicamos o retrato ha dois números, foi emprestada pela «M.G.M.», a Al Christie, para um dos papéis duma comédia da «Educational-Vanity».

“Uma canção, um beijo, uma rapariga” é o título da fita que o realizador Geza von Bolvary terminou para a “Super-Film”, distribuição da “Aafa”, com Gustav Froelich e Martha Eggerih como principais interpretes.

No dia 23 de Fevereiro estiveram em Philadelphia Adolph Zukor, presidente da «Paramount», e Maurice Chevalier, que foram apresentar à censura daquela cidade a fita «One Hour With You» («Uma Hora contigo»), a recente fita de Chevalier e Jeanette MacDonald para a «Paramount». 11

A estreia de «Shanghai Express», com Marlene Dietrich, no «Rialto», de Nova-York, constituiu o *record* das receitas dos dias de estrela, de há três anos para cá. O anterior pertencia ao filme «The Trespasser», com Gloria Swanson.

Na fita que está fazendo nos Mares do Sul, Douglas Fairbanks interpreta o papel dum moderno Robinson Crusóé.

Edwina Booth e Duncan Renaldo, dois dos principais intérpretes de «Trade Horn», terminaram para a «Sono Art-World Wide» a fita «Her Lover's Brother», dirigida por Wallace Fox.

Ruth Roland, a heroína que foi de tantas fitas em séries, está preparando alguns filmes musicais, de curta metragem.

Depois de estar fechado durante três meses, reabriu há dias em Hollywood o estúdio de Samuel Goldwyn, no qual Ronald Colman e

Dentro e Fóra

Eddie Cantor começaram ensaiando algumas cenas dos seus próximos filmes. Cada um destes artistas fará dois filmes para Samuel Goldwyn, em 1932/33.

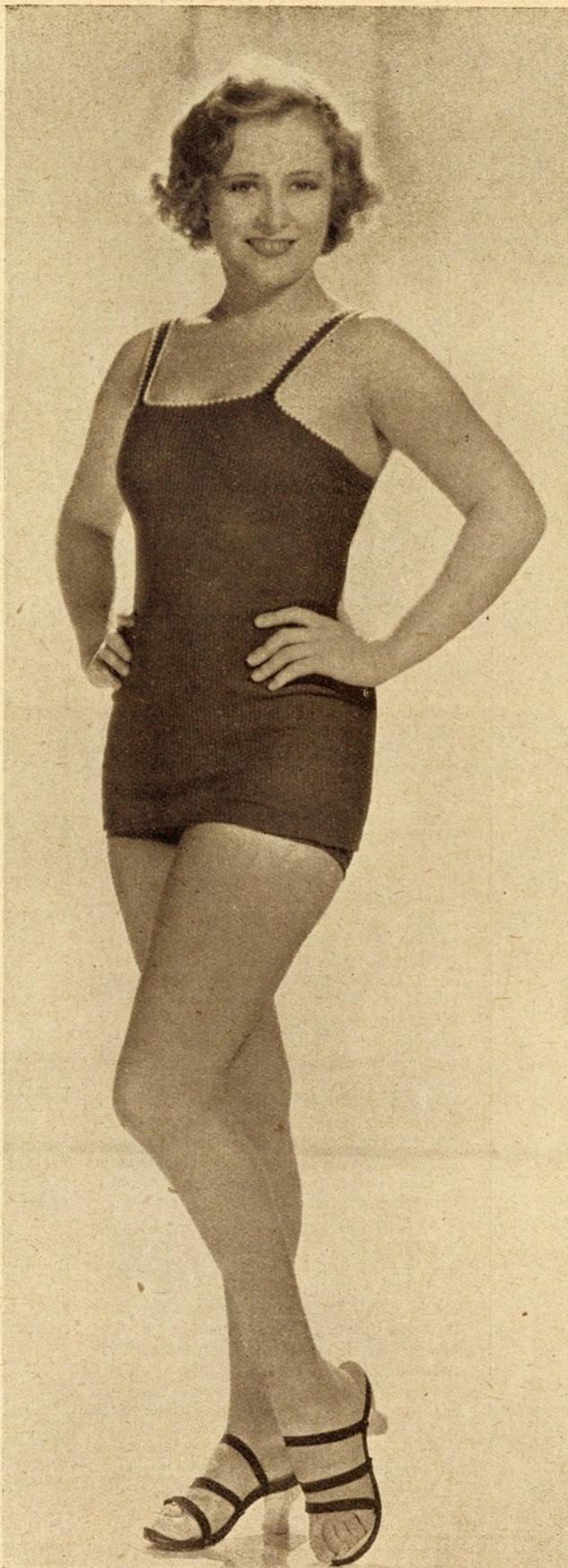
Bessie Love, a graciosa atriz que ainda há pouco vimos em «Dupla Vitória», esposa de William Hawks deu à luz, em meados de Fevereiro uma menina, que recebeu o nome de Patricia.

Com 65 anos, faleceu há dias em Hollywood a senhora Mary J. Normand, mãe da malograda Mabel Normand.

Em Viena, a «Films Osso» está preparando «L'Amie Cruelle», com Anny Ondra, sob a direcção de Karl Lamac.

C
I
N
E
M
A
12

Nos primeiros dias de Maio será apresentada em Paris a fita «Atlantida», a nova produção de G. W. Pabst, o famoso realizador de «4 de Infanteria» e «A Tragédia da Mira». «Atlantida», que na versão francesa tem como principais intérpretes Brigitte Helm, Pierre Blanchar e Jean Angelo, foi já adquirida para Portugal, como informamos no número passado, pela Agência Cinematográfica H. da Costa, L.ª.



Kathryn Crawford, da «M-G-M», apresenta-nos o ultimo modelo de «maillots», para o verão de 1932. E que modelo!... Apetecem-nos cantar; «O' Catarina!... O' Catarina!...

A fita «Un Fils d'Amerique», que Carmine Gallone vai fazer para a «Osso», será produzida nos estúdios da «Hunnia Film», em Budapeste.

Norma Talmadge vai interpretar uma película tirada do romance «For Hire», de Irvln Franklyn, que será o realizador. A fita será produzida nos estúdios da «Ideal», em Hudson Heights, New-Jersey.

John Barrymore sofreu um ferimento provocado por uma derrapagem do seu carro, em 24 de Fevereiro, quando se dirigia para os estúdios da «RKO», para trabalhar em «State's Attorney», que ele está interpretando para aquela casa.

Chester Morris e Richard Arlen foram escolhidos pela «Paramount» para os principais papéis da sua nova fita «Come On Marines» (Venham d.ªi, Marinheiros).

A casa francesa «Films Kaminsky» vai filmar a co-

dos Estúdios

média «Les Deux Canards», de Tristan Bernard e Alfred Athis.

«As You Desire Me» (Como tu me queres), o próximo filme de Greta Garbo para a «M-G-M», é tirado duma peça do escritor italiano Luigi Pirandello, e será dirigido por George Fitzmaurice, com Eric von Stroheim num dos principais papéis. Aquela peça foi representada ha um ano em Nova-York, no Maxime Elliot Theater.

O título «Mansions of Fear» («Mansões de Medo»), a fita que Richard Talmadge está interpretando, foi substituído por «Get that Girl» («Agarra aquela rapariga»).

George O'Brien renovou o seu contrato com a «Fox».

A «M-G-M» contratou o realizador Monta Bell, bem como firmou com Maureen O'Sullivan, que vimos em «1930», um contrato por seis meses, a começar logo que ela termine os seus compromissos com a «Universal».

Nos estúdios da «Tobis», em Epinay, o realizador Georges Lacombe está produzindo uma película com o título «Pan! Pan!»



KATE DE NAGY, que foi a deliciosa Rainha de Pontenero,
em «A Loucura de Monte-Carlo», vai ser a Princesa de Perusa, na cine-opereta
da «Ufa», cantada e falada em francês, «A Princesa Encantadora» («Ronny»)

John Boles voltou para a «Universal», para a qual está interpretando o principal papel masculino de «Back Street».

A nova fita da «Fox», «The Woman in Room 13» («A Mulher do quarto n.º 13») inclui Elissa Landi, Gilbert Roland, Nell Hamilton e Mirna Loy. Henry King dirige.

Carole Lombard e Polly Moran renovaram os seus contratos, respectivamente com a «Paramount» e a «M.G.-M.».

A nova casa americana «Monogram» vai produzir a fita «Midnight Patrol» («A Patrulha da Meia-Noite»), com Edwina Booth, Betty Bronson, Mary Nolan, Regis Toomey, Jim Jeffries, Mack Swain e Mischá Auer.

Parece que está sendo preparada na América uma nova empresa produtora, financiada por um grupo de importantes banqueiros americanos.

A casa francesa «Société des Films Armor» vai distribuir o filme «Suzane», que Georges Marret esta preparando da peça de Steve Passeur.

No dia 28 de Fevereiro foi fechado na América o contrato entre a «Ufa» e a «United Artists», pelo qual está última distribuirá na América a versão inglesa de «O Congresso que Dança».

Henry Roussel tem já preparada uma nova comédia para ser filmada logo a seguir a «O Canto do Cisne». Será «La Fleur d'Oranger» («A Flor de Laranjeira»), para a «Pathé-Natan».

Helen Twelvetrees e Mary Duncan são as primeiras actrizes de «State's Attorney», a fita que John Barrymore está interpretando para a «RKO-Radio».

Quasi todas as casas americanas de actualidades se desinteressaram das negociações que estavam sendo feitas para a fusão de todas.

A «Paramount» decidiu não empregar mais «extras» que tenham dentes de ouro. Descobriu-se que, com a intensidade da luz e o filme supersensitivo agora usado, fazem com que os dentes de ouro reverberem como faróis de automóveis.

Tem estado muito doente, no California Hospital, o veterano actor Maurice Costello, pai de Dolores e Helen Costello.

Colleen Moore, divorciada de John MacCormick, da «First National», casou em 15 de Fevereiro, em Fort Pierce, com Al P. Scott, um negociante de Nova-York.

Mary Astor foi contratada pela «Warner Bros.», para a primeira actriz de «A Successful Calamity», a próxima fita de George Arliss para aquela casa.

John Gilbert escreveu o argumento de «Downstairs», a fita que vai interpretar para a «M.G.-M.», sob a direcção de Monta Bell.

Pelos nossos Cinemas

A PISTA DOS GIGANTES (La Piste des Géants — The Big Trail): — Mais uma fita do género de «Os Civilizados», «A Debandada», etc., mas esta agora em ponto maior, no que às cenas capitais diz respeito. Uma espécie de «Caravana Gloriosa», mas falada.

Já disse repetidas vezes que estes filmes do Oeste, com estas caminhadas



transamericanas, não são muito da simpatia do público. E para lhe despertar algum interesse, ha que dar grandiosidade, aparato cénico à realização. Foi o que fez Raoul Walsh na versão original — «The Big Trail» — da qual foram aproveitadas as mais belas para a versão francesa entre nós exibida, quadros que merecem, na verdade, o aplauso da crítica e do público, como o da corrida dos búfalos, que é curiosa, pela enorme quantidade destes animais e pela posição da objectiva que os filmou, o da travessia do rio pelas caravanas e o do ataque dos índios, quadro épico de grande beleza, que muito valoriza a película.

O pior é que muitos metros de filme se perdem em cenas de que nada se aproveita a não ser a magnífica fotografia, mal agravado com a interpretação irregular. Jeanne Helbling aparece contrafeita, sem naturalidade, parecendo que dá um recado em vez de representar. Raoul Paoli — ex-campeão de França de lançamento de pêso, que os desportistas lisboetas viram ha anos num estádio da capital — é a vergonha de todo o filme, e nem sei como foi consentido tal intérprete. Exagerando ao máximo, a sua voz, sem fonogenia e mal controlada, é um trovão contínuo de princípio ao fim da película, provocando murmúrios no público e atirando por terra, por si só, os merecimentos do filme. Se Pierre Couderc, que colaborou na realização da versão francesa, não tinha em Hollywood outro actor apropriado para fazer o papel que Tyrone Power interpretou na versão original, ao menos o director de som de-

veria reprová-lo, logo ao primeiro ensaio.

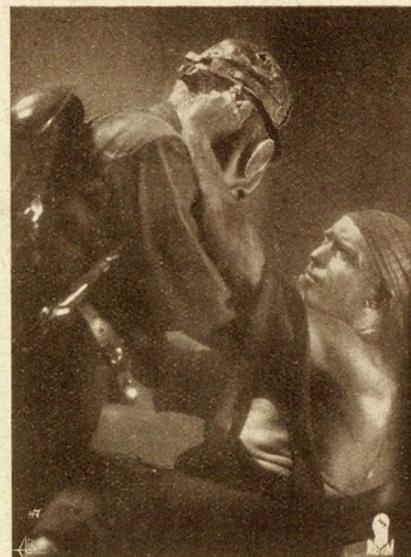
Gaston Glass, de boa figura, sofre do mesmo mal de Jeanne Helbling, e parece acanhado diante do microfone. Apenas Louis Mercier tem, no velho protector e companheiro de Pierre, um desempenho saliente, que merece elogio.

Um filme pouco equilibrada, que a excelente fotografia — e que maravilha, a de certos quadros! — e a realização de algumas cenas de grande espectáculo dão merecimento.

Autor: Hal G. Evarts. Realizador: Raoul Walsh, com a colaboração de Pierre Couderc na parte francesa. Intérpretes: Pierre Calmin, Gaston Glass; Denise Vermon, Jeanne Helbling; Flake, Raoul Paoli; o velho, Louis Mercier.

Produzida em 1930 pela «Fox». Programa Comp.ª Cinematográfica de Portugal, Secção «Fox». Estreada no «Aguia d'Ouro» em 14 Março 1932.

A TRAGEDIA DA MINA (Kameradschaft): — Pabst merece o prémio Nobel, da Paz. «Quatro de Infantaria» ensinou-nos a odiar a guerra, fazendo-nos sentir todos os seus horrores, os seus malefícios, a acordar em nós o sentimento de revolta diante dessa matança de homens contra homens, de irmãos contra irmãos, que o mais elementar princípio de humanidade condena. «A Tragedia da Mina» é, por assim dizer, a continuação de «4 de Infantaria» nos motivos ideológicos em que ambos se baseiam. Os dois filmes seguem-se, completam-se. «A Tra-



gedia da Mina» é o bouquet final da campanha que Pabst se resolveu a fazer pela Paz, pela fraternidade humana, e vale mais, como potência de objectivo e finalidade, que todos os discursos dos Kellogs de Locarno ou de Genebra.

A ideia representa, neste filme, mais do que em qualquer outro, o elemento primordial. Tam linda, tam simpática, até mesmo aos mais egoístas ou mais empedernidos, que a gente, com o decorrer

das imagens, se afasta da novela — que, na verdade, quasi não existe — para acompanhar o tema e brindar o cerebro com um trabalho agradável na sua assimilação, forte na sua influencia, benéfico nos seus resultados, sempre que um quadro, uma cena, uma sequência nos vêm pôr em destacancia a idela formosíssima que preside à obra de Pabst — a bondade dos homens, a fraternidade universal.

Sim, «para que servem os postes que indicam, que separam as fronteiras?» «Porque é que os homens não são todos bons uns para os outros?» «Porque é que há alemães e franceses, se *mutter* e *mère*, diferentes na forma, são iguais no significado?»

E esta idela toma extraordinário relêvo influenciador, materializada por Pabst, tal a forma como êle preparou e conduziu a maioria das cenas. E' verdade que em alguns quadros o filme decresce de movimento, e algumas cenas do interior da mina repetem-se e confundem-se. Mas só essas, e por via da limitação do fundo em que assenta a narrativa. A maior parte, porém, ressalta pela natural beleza com que está apresentada, de influencia preponderante no objectivo em vista, e nessa naturalidade, do desempenho individual, nos conjuntos, nas atitudes das massas, onde há diversidade de expressões e harmonia de sentimentos, onde se verifica a garra dominadora de Pabst e a sua mestria consumada no difficil trabalho architectural que nos apresenta, para residência dum ideal que todos os homens, que todos os povos deviam perfi-lhar.

Em «A Tragédia da Mina» aprendemos a amar o nosso semelhante. Pabst convence os mais descrentes da possibilidade de tornar universal a bondade dos homens. Também os mineiros franceses não acreditavam que os alemães os fossem auxillar no salvamento, ajudar a retirá-los do fundo da mina a 600 metros de profundidade! E' ver o olhar incredulo da rapariga francesa, quando os dois caminhões alemães da coluna de salvação chegam junto da mina francesa! E a sua frase maravilhosa, proferida com o máximo de sinceridade, num mixto de dúvida e de satisfação: «*Les Allemands?! C'est pas possible!*»

Na interpretação não ha vedetas. Todos teem grandes papeis, todos são personagens importantes na construção da obra, particulas dum todo perfeitamente homogéneo.

«A Tragédia da Mina», tem poucas qualidades comerciais. E' um filme intellectual, para publico de certa cultura, e, infelizmente, não o ha entre nós em quantidade bastante, para que «A Tragé-

dia da Mina» constitua um successo de bilheteira. Contentemo-nos em que esta obra de mestre seja um exito para nós, cinéfilos militantes nessa idela grandiosamente bela da fraternidade mundial.

Operadores: Wagner e Baberske. Decoradores: Metzner e Vollbrecht. Realizador: G. W. Pabst, com a colaboração de R. Beaudoin na parte francesa. Intérpretes: Fritz Kampers, Alexander Granach, Ernst Busch, Daniel Mendaille, Georges Charlia, Andrée Ducret, Hélène Manson, Alex Bernard, Gustav Puettjer, Oskar Hoecker, Pierre Louis.

Produzido em 1931 pela «Nero-Film». Programa Agencia Cinematográfica H. da Costa, Ltda. Estreada no «Trindade» em 15 Março 1932.

Vítima dum desastre de automóvel i-leceu no dia 19 de Fevereiro o actor Olto Matlesen. Duncan Renaldo, um dos intérpretes de «Trader Horn», que segula no meo automóvel, soíreu ligeiros ferimentos.

A casa francesa Jacques Halk vai produzir um filme de mistério com o título «Black Coffee», o qual será provavelmente dirigido por Jean Kemm.

No dia 29 de Fevereiro, às 8,30 da manhã, filmavam-se em Berlim as primeiras cenas interiores de «Atlantida», sob a direcção de G. W. Pabst, o realizador de «4 de Infantaria» e «A Tragédia da Mina».

BATALHA

(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

Ultimas exhibições de

MONTE-CARLO

luxeoso filme-opereta da «Paramount»,
com JEANNETTE MacDONALD

Terça-feira, 22 — Início da semana «Metro-Goldwyn-Mayer»

Terça, 22 (O TRIO FANTASTICO)
Quarta, 23 (primeiro e último filme falado do grande actor LON CHANEY)

Quinta, 24 (BEN-HUR (SONORO))
Sexta, 25 (com o querido actor RAMON NOVARRO)

Sabado, 26 — Estrela no Pôrto da magistral super-produção **O VIKING**, um filme technicolorido, de grande luxo, o único que rivaliza com BEN-HUR.

PREÇOS POPULARES
A BILHETEIRA ABRE ÀS 2 HORAS DA TARDE

N.º 9

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças. No «Cine-Odeon» esta senha sómente é valida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

Senha de Bonus aos compradores do «CINEMA»

Desconto de 40 % no «Trindade» e 50 nos restantes, nos seguintes espectáculos:

TRINDADE — Matinées de Quinta-feira e Sábado, 24 e 26 de Março
OLYMPIA — Matinées de Quinta-feira e Sábado, 24 e 26 de Março
PASSOS — Matinée de Quinta-feira, 24 de Março
BATALHA — Matinée de Quinta-feira, 24 de Março
CINE-ODEON — Soirée de Sábado, 26 de Março

Castelo Lopes, L.^{da}

*a firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos.*

apresenta na próxima segunda-feira no

Cinema "Águia d'Ouro"

a deliciosa comédia musical

NOITES DE VENEZA

falada e cantada em francês
com os excelentes artistas

**Janine Guise, Roger Tréville
e Lucien Callamand**



**Brevemente, apresentação no
Pôrto de novos exitos de**

Castelo Lopes, L.^{da}